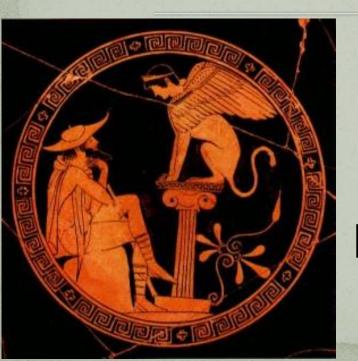
Sófocles: a Tragédia Édipo Rei e o inquérito da verdade

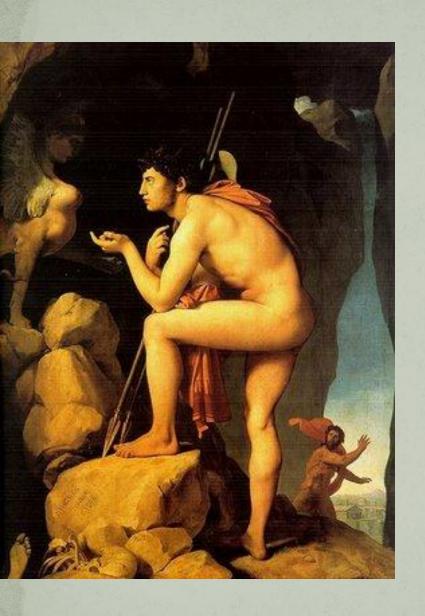


IF Sophia – 20/04/2013 IFPR/Assis Chateaubriand

Por Daniel Salésio Vandresen

Organização da Palestra

- 1. Introdução: Mito de Édipo e problematização
- 2. Tragédia
- 3. Sófocles
- 4. Édipo Rei
- 5. Freud: Complexo de Édipo versos Édipo sem complexo
- 6. Foucault: inquérito da verdade; relação saber-poder



Mito de Édipo

Segundo Gilberto Cotrim.
 Fundamentos da Filosofia.
 2002, p. 74-75.

A força da mensagem dos mitos reside, portanto, na capacidade que eles têm de sensibilizar estruturas profundas, inconscientes, do psiquismo humano.

MITOLOGIA GREGA

Os gregos cultuavam uma série de deuses (Zeus, Hera, Ares, Atena etc.), além de heróis ou semideuses (Teseu, Hércules, Perseu etc.). Relatando a vida dos deuses e dos heróis e seu envolvimento com os homens, os gregos criaram uma rica mitologia, conjunto de lendas e crenças que, de modo simbólico, fornecem explicações para a realidade universal. Integra a mitologia grega grande número de "relatos maravilhosos" e de lendas que inspiraram diversas obras artísticas ocidentais.

O mito de Édipo, rico em significados, é um exemplo disso. Na Antigüidade, ele foi utilizado pelo dramaturgo Sófocles (496-406 a.C.), na tragédia Édipo rei, para uma reflexão sobre as questões da culpa e da responsabilidade dos homens perante as normas e tabus (comportamento que, dentro dos costumes de uma comunidade, é considerado nocivo e perigoso, sendo por isso proibido a seus membros). Damos em seguida um resumo desse relato mítico.

A saga de Édipo

Laio, rei da cidade de Tebas e casado com a bela Jocasta, foi advertido pelo **oráculo** (resposta que os deuses davam a quem os consultava) de que não poderia gerar filhos. Se esse aviso fosse desobedecido, seria morto pelo próprio filho e muitas outras desgraças surgiriam.

A princípio, Laio não acreditou no oráculo e teve um filho com Jocasta. Quando a criança nasceu, porém, cheio de remorso e com medo da profecia, ordenou que o recém-nascido fosse abandonado numa montanha, com os tornozelos furados, amarrados por uma corda. O edema provocado pela ferida é a origem do nome Édipo, que significa "pés inchados".

Mas o menino Édipo não morreu. Alguns pastores o encontraram e o levaram ao rei de Corinto, Polibo, que o criou como se fosse seu filho legítimo. Já adulto, Édipo ficou sabendo que era filho adotivo. Surpreso, viajou em busca do oráculo de Delfos para conhecer o mistério de seu destino. O oráculo revelou que seu destino era matar o próprio pai e se casar com a própria mãe. Espantado com essa profecia, Édipo decidiu deixar Corinto e rumar em direção a Tebas. No decorrer da viagem encontrou-se com Laio. De forma arrogante o rei ordenou-lhe que deixasse o caminho livre para sua passagem. Édipo desobedeceu às ordens do desconhecido. Explodiu, então, uma luta entre ambos, na qual Édipo matou Laio.

Sem saber que tinha matado o próprio pai, Édipo prosseguiu sua viagem para Tebas. No caminho deparou-se com a Esfinge, um monstro metade leão, metade mulher, que lançava enigmas aos viajantes e devorava quem não os decifrasse. A Esfinge atormentava os moradores de Tebas.



A força da tragédia grega está no embate do ser humano contra o seu destino. Édipo responde à Esfinge — Ingres.

O enigma proposto pela Esfinge era o seguinte: "Qual o animal que de manhã tem quatro pés, dois ao meio-dia e três à tarde?" Édipo respondeu: "É o homem. Pois na manhã da vida (infância) engatinha com pés e mãos; ao meio-dia (na fase adulta) anda sobre dois pés; e à tarde (velhice) necessita das duas pernas e do apoio de uma bengala".

Furiosa por ver o enigma resolvido, a Esfinge se matou.

O povo tebano saudou Édipo como seu novo rei. Deram-lhe como esposa Jocasta, a viúva de Laio. Ignorando tudo, Édipo casou-se com a própria mãe.

Uma violenta peste abateu-se então sobre a cidade. Consultado, o oráculo respondeu que a peste não findaria até que o assassino de Laio fosse castigado.

Ao longo das investigações para descobrir o criminoso, a verdade foi esclarecida. Inconformado com o destino, Édipo cegou-se e Jocasta enforcouse. Édipo deixou Tebas, partindo para um exílio na cidade de Colona.

O complexo de Édipo

Como todo mito, a saga de Édipo apresentaria, em linguagem simbólica e criativa, a descrição de uma realidade universal da alma humana, conforme analisou nos tempos modernos o psiquiatra austríaco Sigmund Freud (1856-1939), fundador da psicanálise. Elaborando uma reinterpretação psicológica desse mito grego (o complexo de Édipo), Freud transformou-o em elemento fundamental da teoria psicanalítica. O complexo de Édipo pode ser entendido como:



Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta relativamente aos pais. Sob a sua chamada forma **positiva**, o complexo apresenta-se como na história de Édipo rei: desejo da morte do rival, que é a personagem do mesmo sexo, e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob sua forma **negativa**, apresenta-se inversamente: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, estas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma **completa** do complexo de Édipo.

Segundo Freud, o complexo de Édipo é vivido no seu período máximo entre os três e cinco anos (...)

O complexo de Édipo desempenha um papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano.

Música: O amor e o poder (Cantora Rosana)



Música: O amor e o poder (Cantora Rosana)

"A fim de <u>dividir</u> no fundo do <u>prazer</u> o <u>amor</u> e o <u>poder</u>" Referência ao Complexo de Freud:

- Dividir o prazer = conflito de desejos.
- Amor = mãe e poder = lugar do pai

Mito presente nas seguintes interpretações:

Novela Mandala (Rede Globo – 1987/88);

Peças de teatros, como: no Teatro Guaíra, em 1995: Trilogia Tebana e no Rio, em 2012/13, <u>Édipo Rei</u>, entre outros.

Pressupostos da Palestra

 Crítica a psicanálise: a interpretação do mito pelo inconsciente e desejo;

 Por uma leitura histórica, política e jurídica do Mito de Édipo.

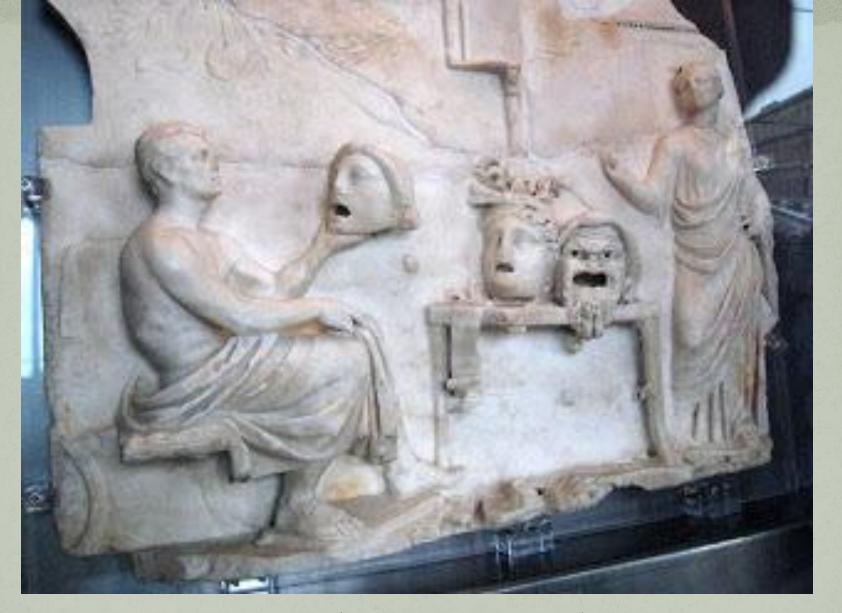
Tragédia Grega, fim do séc. VI e V a. C.

- Uma forma de drama: um conflito entre uma personagem e algum poder de instância maior, como a lei, os deuses, o destino ou a sociedade.
- Narravam as aventuras e prodígios dos heróis, bem como suas desventuras e fracassos.
- Alguns autores consideram como intermediária entre o Mito e a Filosofia.
- Fontes de inspiração: passado mítico e atualidade política, que implicavam um risco de deformação (Romilly, p. 138).
- Trata de problemas fundamentais da condição humana;

Tragédia Édipo Rei (v. 1804-1810)

CORIFEU

"Vede bem, habitantes de Tebas, meus concidadãos! Este é Édipo, decifrador dos enigmas famosos; ele foi um senhor poderoso e por certo o invejastes em seus dias passados de prosperidade invulgar. Em que abismos de imensa desdita ele agora caiu! Sendo assim, até o dia fatal de cerrarmos os olhos não devemos dizer que um mortal foi feliz de verdade antes dele cruzar as fronteiras da vida inconstante sem jamais ter provado o sabor de qualquer sofrimento!"



Os atores eram exclusivamente masculinos. E usavam máscaras para expressar as emoções.

Tragédia Grega



- Formadora do cidadão: estar preparados para momentos de reviravolta.
- Édipo: herói e "vilão".
- Ensina o caminho para a virtude em um período de transição.
- Vernant, p. 1: três aspectos, gênero trágico, representação trágica e homem trágico.

Tragédia para Aristóteles (384-322 a. C.)

- Aristóteles, na Poética: considera a tragédia uma reflexão sobre a condição humana.
- Educativa: tendo como função a Catarse (purificação da alma), um processo de reconhecer a si mesmo e buscar a justa medida.
- Peripécia: mudança inevitável de um estado de coisas para o seu oposto.

Tragédia para Aristóteles

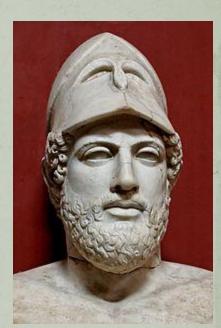
- Dois elementos essenciais:
- a) Peripécia: movimento interno que faz com que a fortuna dos personagens se transforme (os potentes se tornem miseráveis).
- b) Reconhecimento = anagnórisis: o que não se sabia torna-se descoberto no fim.
- "A mais bela de todas as formas de reconhecimento é a que se dá juntamente com a peripécia, como, por exemplo, no Édipo" (Poética, XI, 62).

Tragédia para Nietzsche (1844-1900)

- Livro: Introdução à Tragédia de Sófocles
- As noções de falta e punição: para a tragédia grega um sentido estético, para a tragédia moderna um ponto de vista moral e jurídico (p. 39s).
- Em Édipo em Colono, a desgraça como uma "idealização da infelicidade" (p.44).

Péricles (492 a. C. - 429 a. C.):

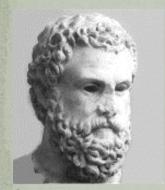
- Conhecido como século de Péricles.
- Chefe civil e líder militar de Atenas.
- Discípulo dos filósofos gregos
 Anaxágoras e Zenão, com estes
 mestres, aprendeu a arte da retórica.
- Um dos principais líderes democráticos de Atenas e a maior personalidade política do século V a.C.
- Fortaleceu a democracia e foi um dos responsáveis pelo crescimento econômico, político e militar da cidade.



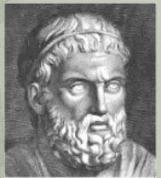
Concursos Trágicos

- Origem nas festas Dionisíacas: primeira competição foi em 534 a. C., vencida por Téspis.
- Período Clássico séc. V e IV a. C. Coincide com o período da democracia ateniense.
- Promovido pela cidade-Estado.
- O julgamento da peça (Pereira apud Sanches, p. 221):
- Uma lista de nomes das dez tribos colocados em uma urna;
- No começo das representações eram tirados dez nomes;
- Juravam imparcialidade e escreviam a ordem dos méritos em uma tabuinha;
- Colocadas em uma urna, da qual eram tiradas cinco ao acaso. E tomada a decisão.
- Vernant: a tragédia representa a passagem para um ambiente cívico-jurídico da polis.

Dramaturgos Gregos



• Ésquilo (cerca de 525 a.C. a 456 a.C.): Considerado o fundador do gênero, sete peças, das noventa que escreveu chegaram até nós.



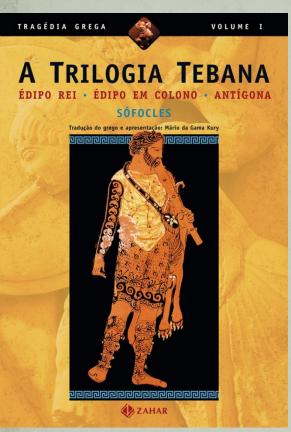
• Sófocles (496 a.C a 406 a.C): Dos cento e vinte três dramas que escreveu, apenas sete tragédias e os restos de uma sátira chegaram até nós.



• Eurípides (484 a.C. a 406 a.C.): dele o maior número de peças que chegaram até nós (18 no total). Influenciado pelo movimento sofista, foi o mais progressista dos trágicos gregos, não chegando entretanto a negar as tradições.

Sófocles (496 a.C a 406 a.C):

- Participou da vida política: foi tesoureiro-geral de Atenas em 443/2 e eleito duas vezes como estratego (comandante do exército).
- Compôs 123 peças e obteve 24 vitórias em 30 concursos.
- Aos 28 anos, venceu Ésquilo em sua primeira vitória em um concurso trágico.
- Inovações na tragédia:
- Os deuses aparecem em segundo plano, raramente intervêm. A ação se desenvolve no plano humano;
- Reduziu as falas do coro, mas aumentando seus componentes;
- Acrescentou um terceiro ator, para conferir mais dinamismo as cenas.



- A Trilogia Tebana:
- 1. Édipo Rei (representa pela 1ª. vez em 427 ou 430 a.C.): começa com a investigação para descobrir as causas da peste.
- 2. Édipo em Colono (representa pela 1^a. vez em 401 a.C., por um neto): exílio e morte de Édipo.
- 3. Antígona (representa pela 1ª. vez em 441 a.C.): disputa pelo trono entre Etéocles e Polinices, filhos de Édipo com Jocasta. Tema principal: choque entre o direito natural (defendido por Antígona) e o direito positivo (defendido por Creonte, atual Rei): na caso do funeral de Polinices.

Édipo Rei

- Versões: Homero, Píndaro, Ésquilo, Sófocles, o romano Júlio Cezar, Sêneca.
- Sentido deste mito para:
- 1. Freud: mito do desejo
- 2. Claude Lévi-Strauss: mito da origem
- 3. Foucault (mito da verdade) e Vernant (poder)

Além das interpretações de Aristóteles, Nietzsche, Deleuze e Guattari.

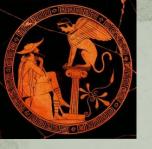
Édipo Rei

- Ésquilo: primeiro a encenar a história de Édipo (467 a.C.).
- Obra de Sófocles: uma leitura de um mito já existente.
- Versão de Homero: Édipo morre tranquilo no trono de Tebas, sem exílio e sem furar os olhos.
- Versão de Sófocles: recursos trágicos e utiliza dois oráculos (que Laio e Édipo recebem de Apolo).
- Édipo diz: "fui ao oráculo de Delfos mas Apolo não se dignou de desfazer as minhas dúvidas" (v. 940-41).

Imagem: "Édipo e a Esfinge" de Vulci. h. 460 a.C. Atribuído ao Édipo pintor. Museu do Vaticano, em Roma. Catalog n. 16.541.

Édipo e a Esfinge

- Esfinge: enigma tradição potências divinas.
- Édipo: conhecimento e poder (desvenda o enigma) – pensador (saber) e estratégico (poder).
- Ruptura ou distanciamento da tradição? Mito X Cidade.



O Enigma da Esfinge



Vernant (2005, p. 85):

"O saber de Édipo, quando ele decifra o enigma da Esfinge, trata já, de uma certa forma, <u>dele mesmo</u>. Qual é o ser, interroga a sinistra cantora, que é ao mesmo trampo dípous, trípous, tetrâpous? Para Oidípous, o mistério é apenas aparente; <u>trata-se dele, é claro, trata-se do homem</u>".

- Nome de Édipo=Oidípous: poús (pé), pé inchado (oîdos), mas também o que sabe (oîda).
- Édipo: criança excluída (tetrâpous), Rei que sabe (dípous) e velho exilado (trípous). "Termina como começou".
- Máscara o problema: o que é o homem? E Édipo?

Sigmund Freud (1856-1939): visão psicanalítica

- Complexo de Édipo: sentimento de culpa gerado pela relação de <u>desejos</u> de amor e ódio entre pais e filhos.
- Provoca o desenvolvimento do super-ego (Inconsciente: censura que impede de satisfazer os instintos e desejos).
- Édipo como modelo do drama existencial humano.

- Vernant "Édipo sem complexo":
- p. 68: "se ele se crê realmente, como o afirma tantas vezes, o filho afetuoso e querido dos soberanos de Corinto, é claro que o herói do Édipo Rei não tem o menor complexo de Édipo".
- Sonho de união com a mãe:
- Freud: confirmaria o complexo
- p. 71: sentido oracular menção ao episódio de Hípias (descrito por Heródoto, introduziu a tirania em Atenas em seu governo de 527-510 a. C.). Para os gregos: sonho de união com a mãe significa retorno, posse da terra ou conquista do poder.
- p. 55: a matéria da tragédia não é o sonho, mas o pensamento social próprio da cidade no séc. V.

Jacqueline de Romilly, p. 140:

"A tragédia, com efeito, <u>não é o mito</u>. Ela é a obra de poetas, que deliberadamente transpuseram o mito, para nele inserir uma sentido pessoal. Fizeram-no em função de determinados esquemas e interesses, os quais <u>não eram de ordem psicológica</u>".

- Ordep J. T. Serra:
- p. 18: para Freud: Édipo se pune ao furar os olhos, então teria um sentimento de culpa.
- p. 16: No Édipo Rei, Sófocles não pôs o problema da culpabilidade.
- p 19: Freud distorce ao tomar a culpa como dado objetivo da tragédia.
- Em Édipo Rei: somente exprime a terrível vergonha que o atinge. "Ai de mim! Como sou infeliz!" (v. 1550 e 1560, 1580, 1601).
- E em "Édipo em Colono" se declara inocente.

Freud - Críticas a partir de Édipo Rei

- O sentido de furar os olhos:
- "Foi Apolo o autor de meus males [...] Mas fui eu quem vazou os meus olhos." (v. 1577 e 79).
- O ser humano também é autor de sua própria tragédia.
- "Depois de ter conhecimento dessa mácula que pesa sobre mim, eu poderia ver meu povo sem baixar os olhos? Não!" (v. 1635-37).
- Vergonha de encarar o povo.
- "Ao cegar a si mesmo demonstra que, apesar de sua dor, é capaz de enfrentar com coragem um destino cruel e de demostrar nobreza de caráter". (Campos;Claro, p. 108).
- O recurso trágico de Sófocles: o sofrimento como necessidade de pensar e agir com prudência e moderação.

- Deleuze e Guattari "O Anti-Édipo":
- Freud: bloqueia as forças produtivas do inconsciente, aprisiona-as no sistema da família.
- Objetivo compreender e libertar a potência revolucionária do desejo.
- Foucault (2005):
- p. 29-30: Édipo de Freud é um instrumento de poder.

Um modo do poder psicanalítico conter o desejo e fazê-lo entrar na estrutura familiar.

Garantir que o desejo não se difunda no mundo histórico.

- p. 31: temos sim um complexo, mas coletivo, de poder-saber.

Claude Lévi-Strauss (1908-2009): visão antropológica

 Relação mito e linguagem: mito um discurso se dando a conhecer pela palavra.

Mito de Édipo: dúvida quanto a natureza de sua própria origem.

 Marilena Chauí, 2002, p. 162: um paradoxo, nascemos da terra ou dos pais? Somos imortais ou mortais?

Avô Labdáco (coxo), Pai Laio (pé torto) e Édipo (pé inchado).

A referência aos pés como relação dos humanos com a terra.

A resposta do mito: simboliza a mortalidade através da dificuldade de se relacionar com a terra (para andar).



ARANHA; MARTINS. Filosofando. 2009, p. 235.

- inquérito e busca da identidade.
- contradição do destino: conflito entre determinismo e liberdade.

Mito, tragédia e filosofia

Ema das características da consciência mítica é meitação do destino: os costumes dos ancestrais mázes no sobrenatural e as ações humanas são eminadas pelos deuses. Em consequência, não la propriamente em comportamento ético, por mar a dimensão de subjetividade que caracteriza livre e autônomo.

so analisarmos a passagem do mito à razão na em Antiga, vimos como ocorreu o desenvolvito da consciência crítica. Resta, no entanto, sentar um lapso intermediário caracterizado a consciência trágica, que representa o momento que o mito não foi totalmente superado e ainda se firmou a consciência filosófica.

stragédia grega floresceu por curto período, e os ses mais famosos foram Ésquilo (525-456 a.C.), cles (496-406 a.C.) e Eurípedes (c. 480-406 a.C.), stetido das peças teatrais é retirado dos mitos, há algo novo no tratamento dado pelos autosobretudo Sófocles — ao relato das façanhas beróis.

BARA SABER MAIS

A passagem do mito à razão é analisada no capitulo 3. To nascimento da filosofia".



na romana de um relevo grego do século IV a.C.
matro grego usavam-se máscaras para expressar
ucies fortes de alegría, tristeza, pavor. Havia
bim as máscaras femininas, usadas por homens,
que as mulheres não podiam atuar no teatro.

Tomemos por exemplo a tragédia Édipo-Rei de Sófocles. Nela conta-se que Laio, senhor de Tebas. soube pelo oráculo que seu filho recém-nascido haveria de assassiná-lo e casar-se em seguida com a própria mãe. Laio antecipa-se ao destino e manda matar o filho, mas suas ordens não são cumpridas, e a criança cresce em lugar distante. Quando adulto. Edipo consulta o oráculo e, so tomar conhecimento do destino que lhe fora reservado, foge da casa daqueles que supunha serem seus verdadeiros pais a fim de evitar o cumprimento daquela sina. No caminho desentende-se com um estranho e o mata. Esse desconhecido era, na verdade, seu pai. Entrando em Tebas, Édipo casa-se com locasta, viúva de Lalo, ignorando ser ela sua mãe. E assim cumpriu-se o destino.

Mesmo que Sófocles tenha tomado do mito o enredo da história, as figuras lendárias apresentam-se com a face humanizada, agitam-se e questionam o destino. A todo momento emerge a força nova da vontade que se recusa a sucumbir aos designios divinos e tenta transcender o que lhe é dado, por meio de um ato de liberdade. Quando Jocasta tenta demover Edipo dessa busca, assim ele diz-

Hei de seguir a trilha até o fim: eu não posso deixar de esclarecer o enigma do meu próprio nascimento!

Quando Édipo intuiu ser ele próprio o assassino procurado em Tebas, levou qinquérito até o fim, como se estivesse em busca da própria identidade. Apesar de no final vencer a irracionalidade, Édipo não foi um ser passivo. A tragelata consiste justamente em revelar a contradição entre determinismo e liberdade, na luta contra o destino levada a cabo pela pessos que emerge como ser de vontade. Quando no final Édipo se cega, diz:

Foi o deus Apolo que me quis submeter a esta amargural Porém a mão que golpeou meus olhos não foi a de ninguém, senão a minha: que mais pudera eu desejar ver, se a vista só me dava desprazer?²

A tentativa de reflexão e de autoconhecimento retrata o logos nascente. Daí em diante a filosofia representará o esforço da razão em compreender o mundo e orientar a ação.

Michel Foucault (1926-1984): visão histórico, jurídica e política

- Obra: A Verdade e as Formas Jurídicas (conferência na PUC/Rio maio/1973).
- Conferência 2, p. 29-51: tragédia de Édipo como o primeiro testemunho das práticas judiciárias gregas.
- Inquérito: história em que o soberano e o povo (Coro/Corifeu), ignorando a verdade, utilizam certas técnicas para pesquisar a verdade.
- "uma forma de justiça ligada a um saber em que a verdade era posta como visível, constatável, mensurável" (Resumo dos Cursos, p. 16).

Vernant:

"E todo o drama é, de uma certa forma, um enigma policial que Édipo deve esclarecer" (p. 67).

"Pois a pesquisa, além do assassino de Laio, visa a um outro objeto: é Édipo que ela põe em questão" (p. 67).

"Esse enigma que ele é incapaz de decifrar: quem sou eu?" (p. 68).

 E que só no fim reconhece: que após não ser mais nada se transforma verdadeiramente em um ser humano.

Foucault

- p. 31s: na Ilíada temos o primeiro testemunho de um tipo de procedimento jurídico grego para pesquisa da verdade na sociedade arcaica.
- História da contestação entre Antíloco e Menelau: uma corrida de carros se desenrola em um circuito de ida e volta. Menelau contesta a vitória de Antíloco.

Homero: não faz apelo a testemunha junto ao marco, mas ao desafio que Menelau lança: "jura diante de Zeus que não cometeu irregularidade".

- Uma espécie de jogo de prova/desafio.

- p. 34s: Mecanismo de verdade = Lei das Metades.
- "É por metades que se ajustam e se encaixam que a descoberta da verdade procede em *Édipo*".
- 1^a. Metade = nível divino: dada em duas partes
- a) Apolo: a morte de Laio como causa da peste.
- b) Tirésias: "és o assassino que procuras" (v. 431).
- Duplo Deus do sol (Apolo) e o cego Tirésias.
- Tudo está dito, mas na forma de prescrição/profecia (dimensão do futuro).
- Falta a dimensão do presente. Nada é apontado. Falta o testemunho dimensão do passado.

- 2^a. Metade = nível humano: as testemunhas em duas partes
- a) Jocasta e Édipo: relembram a morte de Laio
- b) Testemunhos do escravo de Corinto e o Pastor de ovelhas: prova de Édipo como filho de Laio.
- Escravo de Corinto: anuncia a morte de Políbio e que Édipo não é filho de deste.
- Pastor: confirma que recebeu Édipo de Jocasta.

 Tudo acontece por meio de uma investigação: pelo interrogatório feito por Édipo.

"Ai de mim! Ai de mim! As dúvidas desfazem-se!" (v. 1387).

 Mostra a passagem do discurso profético para o discurso da ordem do testemunho.

Dizem e vêem a mesma coisa, mas não na mesma linguagem e olhar.

- p. 38: a lei das metades = uma técnica do símbolo grego
- guardar um segredo por meio de duas partes de um objeto.

O Corifeu como testemunho

- Corifeu: representante do coro, também o único que dialoga com as personagens.
- v. 774-777, Corifeu: "Não deves acolher jamais rumores vagos, não provados, para fazer acusações desprimorosas ao amigo".
- v. 997-98, Corifeu: "sê esperançoso até que fale a testemunha, só ele, nada e mais ninguém".
- v. 1310-12: Édipo pergunta ao Corifeu se reconhece o pastor, o qual responde: "Posso reconhecê-lo, se queres saber".

40

Édipo Rei: questão do saber

- Ao desvendar a esfinge.
- Na investigação que conduz.
- Nas dúvidas que o movem: morte de Laio e de sua origem.

Édipo Rei: questão do poder

- Título: Oidípous Týrannos
- A tragédia se inicia com o nascimento de Édipo, este ameaça o poder do pai.
- Édipo Rei se inicia com a peste, que ameaça o poder de Édipo.
- Termina com a penúltima fala de Creonte:
- "Não pretendas mandar. Teu poder de outros tempos agora deixou de existir". (v. 1800/01)
- "intenção trágica da peça, centrada no tema do poder absoluto de Édipo e da hýbris que necessariamente decorre disso" (Vernant, p. 70).

Édipo Rei: questão do poder

- O poder aparece de duas maneiras:
- 1. O poder do testemunho: divido e cada um carrega informações únicas para o desfecho.
- 2. Poder de Rei:
- Venceu a esfinge (saber-poder).
- Manter o poder diante das ameaças que vê:
- a) da peste que ameaça sua soberania
- b) de Creonte e Tirésias: "tu que seguramente queres tirar-me a vida e despojar-me do poder?" (v.630/31).
- c) Resultado da investigação: "Ele não se assusta com a ideia de que poderia ter matado o pai ou o rei. O que o assusta é perder o próprio poder" (Foucault, p. 42).

Édipo Tirano: excesso de saber-poder

Por ocasião da notícia do mensageiro de Corinto
 v. 1257-58:

Jocasta: "Nada me importa! Escuta-me! Por favor: pára!" Édipo: "Malgrado teu, decifrarei esse mistério".

- Édipo não teme por não ser filho de Políbio (Corinto)
 e, sim, de Laio (Tebas), mas "teme uma baixa origem,
 um sangue do qual se envergonhar" (Vernant, p. 68).
- v. 1271-72: "Irrompa o que tiver de vir, mas minha origem, humilde como for, insisto em conhecê-la".

Édipo Tirano: excesso de saber-poder

- Édipo tem sede de saber (descobrir a verdade) e poder (não quer perder o trono).
- Durante a investigação ameaça de morte quem não colaborar.
- Édipo representa o saber-poder característicos dos Tirano e dos Sofistas.
- Vernant, p. 215: o herói tornou-se objeto-problema, para atingir o cidadão da Atenas democrática.

Édipo Tirano: excesso de saber-poder

 Vernant, p. 67: muito seguro de si, confiante em seu julgamento, não é levado a duvidar de sua interpretação dos fatos.

Aristóteles, Poética:

"Essa é a espécie de homem que não é essencialmente virtuoso e justo e, todavia, não é por maldade ou vilania intrínsecas que ele cai em desgraça; é antes, por um erro de discernimento, sendo ele um dos que ocupam altas posições e desfrutam de grande prosperidade, como Édipo".

Relação saber-poder

- Foucault:
- Saber-poder que é rompido com a filosofia de Platão: temos Sócrates X Sofistas, verdade X sabe-poder.
- "O Ocidente vai ser dominado pelo grande mito de que a verdade nunca pertence ao poder político" (Foucault, p. 50).
- Victor Godschimidt apud Vernant (p. 8): a tragédia é contrária a verdade filosófica.

Fim

"Édipo não se cegou por culpa, mas por excesso de informação." (Michel Foucault).

Referências

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco; Poética. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. 4 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991. (Os Pensadores, v 2).

ARANHA, Maria L. de A.; MARTINS, Maria H. P. Filosofando: introdução à filosofia. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2009.

CAMPOS, Flavio de; CLARO, Regina. A Escrita da História 1. São Paulo: Escala Educacional, 2010.

CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Editora Ática, 2002.

COTRIM, Gilberto. Fundamentos da Filosofia: histórias e grandes temas. 15 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. 3 ed. Tradução Roberto C. M. Machado e Eduardo J. Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005.

_____. **Do governo dos vivos**. Curso no Collège de France, 1979-1980: aulas 16 e 23 de janeiro de 1980. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009.

_____. Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982). Tradução Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. Introdução à Tragédia de Sófocles. Tradução Ernani Chaves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SERRA, Ordep J. T. Breve reflexão sobre a tragédia sofocleana Édipo Rei. Disponível em: < www.ordepserra.wordpress.com >

SANCHES JUNIOR, Carlos Alberto. **Verdade e poder nas práticas judiciárias Gregas: de Homero aos trágicos**. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences. Maringá, v. 33, n. 2, p. 217-226, 2011.

ROMILLY, Jacqueline de. A Tragédia Grega. Editora UnB.

SÓFOCLES. A Trilogia Tebana: Édipo Rei / Édipo Em Colono / Antígona. Tradução Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

49

Sugestão

http://aufklarungsofia.wordpress.com/